

Do Imaginário de Lacan à Linguagem Psicopedagógica

The Imaginary ff Lacan to the Psychopedagogic Language

Aline de Menezes¹

Ronalisa Torman²

Resumo: Este artigo se propõe a desvelar como a **Psicopedagogia**, área de conhecimento que trabalha com problemáticas que envolvem a aprendizagem, interessa-se em conhecer a construção e as formas constitutivas do **imaginário**, uma vez que não há prática psicopedagógica sem manipulação significativa de linguagens sensíveis. Busca-se demonstrar a importância da contribuição da Psicanálise para a **Psicopedagogia**, no que se refere ao primordial entendimento do processo de configuração do **imaginário**,³ segundo LACAN, e como, a partir deste, se constitui a **linguagem**. A prática psicopedagógica fundamentada no conhecimento lacaniano, corrobora com o pensamento de GADAMER o qual afirma que “*ser que pode ser compreendido é linguagem*”. Portanto, impende transitar pelo **imaginário** proposto por LACAN para, efetivamente, se propor uma **linguagem** psicopedagógica.

Abstract: This article aims to unveil as Psychopedagogy, area of knowledge that works with issues that involve learning, is interested in knowing the imaginary forms of construction and constitution, since there is no practical psychopedagogic without significant manipulation of sensitive languages. Search to demonstrate the importance of the contribution of psychoanalysis to Psychopedagogy, regarding the primary understanding of the process of setting the imaginary, [3] by LACAN, and how, from this, where is the language. The practice psychopedagogic based on knowledge Lacanian, corroborates with the thought of GADAMER which states that "unless it can be understood language." So is important to transit through the imaginary proposed by LACAN to, effectively, propose a psychopedagogic language.

Palavras-chave: Imaginário. Linguagem. Psicanálise. Psicopedagogia.

Keywords: Imaginary. Language. Psychoanalysis. Psychopedagogy.

¹ Mestre em Comunicação Social –(PUCRS), Bacharel em Artes Plásticas, Graduanda em Ensino da Arte na Diversidade, Pós-Graduanda Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional – Feevale;

² Mestre em Ciências Sociais Aplicadas (UNISINOS), Psicóloga, Psicopedagoga, Professora dos Cursos de Graduação em Psicologia e Psicopedagogia e do Pós-Graduação em Psicopedagogia - Feevale;

³ As categorias: Imaginário, Linguagem e Psicopedagogia serão destacadas em negrito durante o texto, pois apresentam relevância no estudo em questão.

IMAGINÁRIO PARA LACAN

Não há meio de compreender o que quer que seja da dialética analítica se não afirmarmos que o eu é uma construção imaginária. Isso, o fato de ser **imaginário**, não retira nada dele, desse pobre eu – diria até que isso é o que ele tem de bom. Se ele não fosse **imaginário**, não seríamos homens, seríamos luas. O que não quer dizer que basta termos esse eu **imaginário** para sermos homens. Podemos ser ainda essa coisa intermediária que se chama louco. Um louco é justamente aquele que adere a esse **imaginário**, pura e simplesmente.”(LACAN, apud KAUFMANN, 1996, p. 261). Seminário sobre o eu – 25 de maio de 1955.

LACAN (1955) aponta para a constituição do homem, a fim de falar de **imaginário**. Seria possível pensar o homem sem tocar, conceitualmente, nas questões do **imaginário**? Ele adverte que, para se transitar pela dialética⁴ analítica, é preciso compreender que “o eu é uma **construção imaginária**”; e que esta condição não o desmerece, mas demonstra toda uma complexidade⁵ própria do humano. Ao ressaltar a sua idéia, LACAN aponta para o descrédito do **imaginário** numa Modernidade⁶ eferescente, construída na solidez do positivismo e das ciências exatas. O **imaginário** para o eu é fundamental e, quando bem construído, talvez seja a melhor parte. Conhecer o **imaginário**, pensar sobre suas nuances e o que diferencia a categoria de homens e a de “loucos” é o que se buscou refletir constantemente ao longo da história. Contudo, LACAN esclarece que os loucos vivem, plenamente ou inteiramente, no **imaginário**. A loucura é um mergulho radical do **imaginário** na **linguagem**, sendo esse considerado insano, por não reconhecer uma mediação. Mostra-se, então, o **imaginário** como um conceito relevante nos estudos de práticas que lidam com a **linguagem** humana. A **Psicopedagogia**, prática que trabalha com as problemáticas que envolvem a aprendizagem, interessa-se em conhecer a construção e as formas constitutivas do **imaginário**, uma vez que não há prática psicopedagógica sem manipulação significativa de linguagens sensíveis. A partir destas, o psicopedagogo tenta compreender o sujeito que não aprende, propondo alternativas que visam solucionar possíveis ruídos na linguagem.

⁴ Para PLATÃO é o método de perguntar, responder e refutar sobre determinadas idéias, que ele teria aprendido com SÓCRATES (470-399).

⁵ O conceito de complexidade pode ser compreendido, detalhadamente, na obra do pensador francês EDGAR MORIN.

⁶ Ver BAUMAN, Zigmund. em Modernidade Líquida, para compreender o período histórico em que viveu LACAN, em grande parte da sua vida.

HANS-GEORG GADAMER⁷ afirmou que: “*ser que pode ser compreendido é linguagem*”. A partir deste pensamento do filósofo alemão, que viveu entre os anos de 1900 e 2002, percebe-se a importância que o conhecimento sobre **linguagem** impõe às ciências que pretendem compreender o homem em sua constituição e integralidade. A **Psicopedagogia** busca, constantemente, ampliar o seu olhar, através da psicanálise de LACAN, por uma **linguagem** humana melhor compreendida, decifrando e adentrando nos caminhos do **imaginário** humano.

Para LACAN, existem três categorias que podem ser consideradas onipresentes no homem e mutuamente constitutivas: o real, o simbólico e o **imaginário**. Exatamente nesta ordem, por LACAN basear-se pela primazia do real, é entendido como impossível de ser simbolizado.

Um dos três registros essenciais do campo psicanalítico é também o primeiro efeito da estruturação do sujeito para o outro. No desenvolvimento da teoria lacaniana, encontram-se as seguintes modalidades referidas ao **Imaginário**:

– a primeira refere-se à constituição da fase que localiza a passagem ao primeiro tempo do Édipo que, com o Estádio do Espelho⁸, fundaria o modo de relação narcisista nessa dupla chamada mãe fálica-narcisismo, relação dual estruturada pela *Imago* do semelhante cuja posição, na estrutura, fica marcada pela onipotência: a Mãe *tem* o falo, a criança *é* o falo ausente da mãe;

– a segunda modalidade refere-se: aos efeitos que esta fase estrutura, ao Eu especular (*Ich*-Ideal de Freud), ao lugar do *Moi* (*a'*) em correspondência com os objetos metonímicos do

⁷ Afirmação contida na terceira parte de *Verdade e Método*, do pensador Hans-Georg GADAMER. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

⁸ Na psicanálise de Jacques Lacan, corresponde à fase (termo preferível a “estádio”, segundo Lacan) da formação da identidade, que se dá entre os seis e os dezoito meses de idade, quando a criança encontra e reconhece a sua imagem especular. Considera-se esta fase como um primeiro esboço do que será o Eu do indivíduo.

“LACAN situa o prenúncio do complexo de Édipo ao nível de um limiar específico do processo de maturação da criança, testemunha de um momento particular de sua vida psíquica. Este momento é contemporâneo ao Estádio do Espelho, onde se esboça para a criança um certo tipo de identificação tendo por pano de fundo uma relação de alienação específica da mãe. O ‘Estádio do Espelho’ ordena-se essencialmente a partir de uma experiência de identificação fundamental, durante a qual a criança faz a conquista da imagem do seu próprio corpo. A identificação primordial da criança com esta imagem irá promover a estruturação do ‘Eu’”. DÖR (1989, p. 79-80)

desejo - objetos esses que, enquanto substitutos da carência inaugural que opera como causa, surgem sob a ilusão de reais objetos da pulsão⁹;

– a ilusória "unidade" do sujeito é a terceira modalidade e brinda-o com a última garantia contra a exoscopia dos membros da dispersão originária, da prematuridade e da falta de defesa do *in-fans*. A esta modalidade pertence o estatuto do *fantasma*¹⁰ como cenas originárias enquanto organizadoras da dialética das identificações que, desde esse momento, se operam.

A psicose põe em questão esta posição "primeira" mediante a remissão à fantasia do corpo fragmentado. Finalmente, o **Imaginário** emerge no discurso do paciente sob a forma da demanda ao analista, lugar que o põe como fetiche-de-identificações pela transferência e com o qual acredita manter um diálogo comunicativo.

Qualquer que seja sua modalidade aqui apontada, o **imaginário** deve ser entendido, sempre, como um efeito de desconhecimento da eficácia simbólica, da operação de desejo do Outro e da estruturação edípica (castração).

O que há por trás do **imaginário** é o desejo do Outro. O desejo do Outro estrutura a matriz simbólica do **imaginário** que forma todo o conjunto de imagens do sujeito. O conceito de Desejo do Outro introduz uma outra ordem de posicionamento, uma outra postura no sujeito que é a busca pelo acabamento do desejo.

Há uma diferença radical entre a satisfação de um desejo e a corrida em busca do acabamento do desejo - o desejo é essencialmente uma negatividade, introduzida num momento que não é especialmente original, mais que é crucial, de virada. O desejo é apreendido inicialmente no outro, e da maneira mais confusa. A relatividade do desejo humano em relação ao desejo do outro, nós a conhecemos em toda reação em que há rivalidade, concorrência, e até em todo o desenvolvimento da civilização. (LACAN, 1979, p.172).

O **Imaginário** caracteriza a relação desprovida de individualidade distinta por falta dum acesso verdadeiro à **linguagem**.

O **Imaginário** para ser compreendido, a partir de LACAN, deve ser associado ao Estádio do Espelho.

⁹ “Pulsão é a palavra criada para traduzir *Trieb*, substantivo que corresponde ao verbo *treiben* (‘impulsionar’, ‘impelir’). A melhor tradução para *Treib* poderia ser impulso, já que FREUD costumava usar palavras da linguagem coloquial. [...] FREUD optou pelo emprego do termo pulsão, definindo-o como um conceito-limite entre o somático e o psíquico. Isso porque a origem, a fonte da pulsão, é somática (uma região do corpo); porém, ela é sobretudo psíquica ao apresentar-se ao indivíduo através dos representantes das pulsões, que são as imagens que chegam a ele para ‘informá-lo’ do que se passa em seu corpo’. KUPPER (2006, p. 39).

¹⁰ Início de simbolização de um desejo inconsciente.

Segundo Lacan, quando alguém nasce, encontra no Outro - que define como o campo da **linguagem** - um lugar onde inicia suas primeiras significações. Importa não somente o “um outro” propriamente - mesmo que possa vir a ser - senão de um campo simbólico onde o sujeito, por ser, recebe seus primeiros significantes: nome, traços, sexualização, etc. Desta forma, o humano constitui-se a partir de um Outro. O seu "Eu", enquanto uma imagem do corpo, se estabelece a partir de uma relação com a imagem e os significantes (fala e o desejo) do Outro. O Eu não é inato; ele se constitui numa relação de espelho com o que o Outro espera que a criança seja. A partir daí, a criança se identifica com o objeto do desejo do Outro (falo).

As falas do indivíduo exprimem vários significantes, mas estes acabam por não atingir nenhum significado, na medida em que a estrutura (o eu) é inatingível. Logo, sua individualidade é determinada por uma forma vazia e, para LACAN, impossível de se conhecer. Portanto, o significante remete a outros significantes.

Conforme DÖR (1989, p. 79),

O ‘Estádio do Espelho’ [para LACAN] ordena-se essencialmente a partir de uma experiência de identificação fundamental, durante a qual a criança faz a conquista da imagem de seu próprio corpo. A identificação primordial da criança com esta imagem irá promover e estruturação do ‘eu’ [...].

Antes do Estádio do Espelho, a criança não experimenta, num primeiro momento o seu corpo como um todo unificado, mas como alguma coisa dispersa, salienta DÖR. Ocorre uma experiência de “corpo esfacelado”, cujos indícios podem aparecer, tanto configurados em sonhos, como nos processos de destruição psicótica, realizada na dialética do espelho, cuja função é neutralizar a dispersão angustiante do corpo, possibilitando a unidade do corpo próprio:

O estágio do espelho é um drama cujo alcance interno se precipita da insuficiência para a antecipação e que, para o sujeito, tomado no equívoco da identificação espacial, urde os fantasmas que se sucedem de uma imagem esfacelada do corpo para uma forma que chamaremos ortopédica de sua totalidade. (LACAN, apud DÖR, 1989, p.79).

DÖR explica que a experiência da criança, na fase do espelho, organiza-se em torno de três tempos fundamentais, que pontuam a conquista progressiva da imagem de seu corpo.

Primeiramente, tudo se passa como se a criança percebesse a imagem de seu corpo como a de um ser real de quem ela procura se aproximar ou apreender. Portanto, este primeiro tempo da experiência testemunha em favor de uma confusão primeira entre si e o outro;

confusão amplamente confirmada pela relação estereotipada que a criança tem com seus semelhantes, atestando, sem equívoco, que é sobretudo no Outro que ela se vivencia e se orienta no início, esclarece DÖR, citando LACAN:

É esta captação pela imago da forma humana [...] que, entre seis meses e dois anos e meio, domina toda a dialética do comportamento da criança em presença de um semelhante. Durante todo esse período, registraremos as reações emocionais e os testemunhos articulados de um transitivismo normal. A criança que bate diz ter sido batida, a que vê a outra cair, chora. (LACAN, apud DÖR, 1989, p.79).

DÖR pensa que, se este momento da fase do espelho desvela claramente o assujeitamento da criança ao registro do **imaginário**, o segundo momento constitui uma etapa decisiva do processo identificatório. Com efeito, a criança é sub-repticiamente levada a descobrir que o outro do espelho não é um outro real, mas uma imagem. Além de não mais procurar apoderar-se da imagem, no geral, seu comportamento indica que ela sabe, de agora em diante, distinguir a imagem do outro da realidade do outro.

O autor revela que o terceiro momento dialetiza as duas etapas precedentes, não somente porque a criança está segura de que o reflexo do espelho é uma imagem, mas, sobretudo, porque adquire a convicção de que não é nada mais que uma imagem, e que é a dela. *Re-conhecendo-se* através desta imagem, a criança recupera assim a dispersão do corpo esfacelado numa totalidade unificada, que é a representação do corpo próprio. A imagem do corpo é, portanto, estruturante para a identidade do sujeito que, através dela, realiza, assim, sua identificação primordial.

[...] esta conquista da identidade é sustentada, em toda a sua extensão, pela dimensão imaginária e no próprio fato da criança identificar-se a partir de algo virtual (a imagem ótica) que não é ela enquanto tal, mas onde ela entretanto se reconhece. Não se trata, pois, de nada mais do que um reconhecimento **imaginário**, que, por outro lado, é justificado por fatos objetivos. (DÖR, 1989, p.80).

A criança, nesta idade¹¹, não tem maturação suficiente que lhe permita um conhecimento específico do próprio corpo, revela DÖR. Neste sentido, continua o autor, o Estádio do Espelho é uma experiência que se organiza, com efeito, antes do advento do esquema corporal¹². Por outro viés, se a fase do espelho simboliza a “pré-formação” do eu, ela

¹¹ Entre 8 ou 9 meses.

¹² LACAN, Jacques. “*L’Agressivité em psychanalyse*” Apud DÖR, Joel (1989, p.80) –, op. cit., p.112. “Eu mesmo acreditei poder destacar que a criança, nestas ocasiões, antecipa na cena mental a conquista da unidade

pressupõe, em seu princípio constitutivo, seu destino de alienação no **imaginário**. O reconhecimento de si, a partir da imagem do espelho, efetua-se – por razões óticas – a partir de índices exteriores e simetricamente invertidos. Ao mesmo tempo, é, portanto, a unidade do corpo que se esboça como exterior a si e invertida. A própria dimensão deste re-conhecimento prefigura, para o sujeito que advém, na conquista de sua identidade, o caráter de sua alienação imaginária, de onde delinea-se o “desconhecimento crônico” que não cessará de alimentar em relação a si mesmo, complementa DÖR.

Depois do Estádio do Espelho, o sujeito configurado e identificado buscará, pela linguagem, interagir consigo, com o mundo que o cerca e com os outros. Desta interação resultarão processos constantes de aprendizagem. Caso isto não venha a ocorrer, ou, ainda, se houver ruídos na linguagem, a Psicopedagogia deverá ocupar-se em desvendar as particularidades das “fraturas” do aprender, recuperando e resgatando o que se perdeu nas relações simbióticas do **imaginário** e **linguagem**.

A LINGUAGEM

Há uma procura constante pelo aperfeiçoamento da linguagem, por sua compreensão e depuração. Saber sobre linguagem significa saber de si e também estar conectado com o imaginário, com o que se desconhece de si e da vida. “[...] ‘A **linguagem**’ [...] é, para aquele que sabe decifrar suas imagens, um maravilhoso espelho das profundezas do inconsciente” afirma DAMOURETTE e PICHON ¹³apud KAUFMANN (1996, p.214).

A **linguagem** já pressupõe etapas que foram sendo ultrapassadas, pressupõe um terceiro que rompe a fusão imaginária com o corpo da mãe, instaurando, assim, a ordem simbólica e a inscrição da cadeia significante. O **imaginário** tece as relações entre as pessoas.

Sigmund FREUD usava a “cura pela palavra”, segundo nomeou uma de suas pacientes, para designar o papel da linguagem no processo analítico. Ocorre pela fala a transformação psíquica, que é via de elaboração de conflitos e do desvelar-se do sujeito frente a si mesmo e através do outro. A linguagem, neste processo, recupera sua dimensão estruturante, possibilitando ao sujeito a recriação de si.

funcional de seu próprio corpo, ainda inacabado nesse momento, no plano da motricidade voluntária. Existe aí uma primeira captação pela imagem onde se esboça o primeiro momento da dialética das identificações”.

¹³ Na obra “*Dês mots à la pensée*” analisada por KAUFMANN.

Para pensar a linguagem, importa conhecer, como LACAN percebe, a estrutura lingüística. A organização existente entre significado e significante,¹⁴ num determinado tempo constitui uma *cadeia significante*. A língua é reconhecida como tal por estar fundada em um conjunto de signos lingüísticos, que são regidos por leis que governam esses elementos entre si, esclarece DÖR (1989).

Com a cadeia significante vêm-se colocados, com efeito, dois problemas específicos: por um lado, o problema das concatenações significativas; por outro lado, a questão das substituições suscetíveis de intervir nos elementos significativos. (p.33).

LACAN, segundo DÖR, faz uso do conhecimento *saussuriano* para definir um corte na linguagem em duas direções: a das seleções e das combinações. Utiliza-se a língua, através da fala, escolhendo-se termos dentre tantos outros e articulando configurações a partir de unidades de significação.

O signo lingüístico e o corte da linguagem segundo dois eixos levam a examinar duas propriedades da linguagem que vão nos introduzir muito diretamente alguns pontos fundamentais da teoria lacaniana. Estas propriedades são, respectivamente: a) o valor do signo; b) as construções metafóricas e metonímicas. Com o valor do signo, evidenciado por F. de SAUSSURE, podemos abordar a noção lacaniana de ponto-de-estofo. A metáfora e a metonímia nos conduzem, igualmente, à idéia fundamental de LACAN da supremacia do significante e as suas conseqüências com relação às formações do inconsciente. DÖR (1989, p.35).

DO IMAGINÁRIO DE LACAN À LINGUAGEM PSICOPEDAGÓGICA

PAÍN (2000), ao ser questionada¹⁵ a respeito do inconsciente, afirma que este é:

Um lugar de pulsões, um lugar de organização, um lugar de fábrica de metáforas. Um lugar, onde se organizam as emoções, montadas através de um código, onde cada emoção está lá inscrita por uma série de objetos, que têm a ver com estas emoções, quer dizer, objetos, que eu temo, que eu amo, segundo a valorização emocional deste objeto. (p. 71).

A linguagem mostra-se como um instrumento valioso para a Psicopedagogia, que busca desvendar os processos que dificultam a aprendizagem. A descoberta deste “lugar” nomeado por PAÍN como o inconsciente, parece ser o espelho onde o psicopedagogo deve

¹⁴ Para SAUSSURE o conceito de *signo* está associado ao significado e ao significante. Sendo o significado um conceito encontrado no dicionário e o significante a imagem mental que temos de algo.

¹⁵ Entrevista com Sonia B. A. Parente, no livro *Encontros com Sara Paín*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

buscar as informações essenciais para a construção de um diagnóstico. O psicopedagogo é instrumentalizado por diferentes áreas do conhecimento que instigam a emergência dos significantes que habitam o inconsciente. Com as manifestações do inconsciente, do trânsito entre o real, o simbólico, o **imaginário** e através da **linguagem**, em diferentes processos psicopedagógicos, é que se pode identificar o que atrapalha a aprendizagem.

Conhecer os meandros das teorias freudianas e lacanianas é de fundamental importância para o profissional da **Psicopedagogia** que precisa basear sua prática de maneira segura, a partir da construção do seu conhecimento, na medida em que se faz necessário estabelecer os limites do que lhe cabe como profissional.

A prática psicopedagógica clínica tem, por pressuposto, a interação entre dois indivíduos – o paciente e o psicopedagogo. A **linguagem**, na clínica psicopedagógica, é o principal instrumento de diagnóstico e intervenção, podendo se constituir de diferentes maneiras: através da fala, do psicodrama (expressão e leitura corporal), da música, das terapias plásticas expressivas (desenho, pintura, modelagem, colagem, montagem, fotografia...), do lúdico (jogos de tabuleiro, Softwares gráficos e educativos, brincadeiras tradicionais ou inventadas...), dos relaxamentos, dentre outras práticas criativas que devem ser utilizadas como recurso terapêutico. Vale salientar que estes instrumentos podem intervir, pontualmente, nas problemáticas do sujeito, pois apresentam uma gama de possibilidades sensíveis, as quais se referem a uma prática que pensa e ressignifica a sua aprendizagem. Assim, evidencia-se a responsabilidade do profissional em conhecer profundamente, as técnicas empregadas na sua diversidade. Estudar os mecanismos psíquicos, desencadeados em cada ação, e também desenvolver a capacidade de relacionar os resultados numa análise que contemple as diferentes áreas do conhecimento humano, centrando sempre seu foco no aprender.

Com relação à linguagem falada, por exemplo, o psicopedagogo deve utilizar-se de atenção redobrada, uma vez que esta freqüentemente trai o consciente, fazendo com que o inconsciente venha à tona, e mostre o que deveria ficar escondido - o que ocorre através dos *atos falhos*. Neste sentido, com relação as palavras de FREUD em *Cinco Lições de Psicanálise*, referenciado por KAUFMANN (1996), sublinha que toda palavra carrega em si uma intenção consciente, contudo, pode perder-se.

Os atos falhos se apresentam sob forma de lapsos, falsa leitura, falsa audição, esquecimento, descumprimento de uma intenção, incapacidade de encontrar um objeto, perdas, certos erros. Trata-se de uma ato em que o corpo está em jogo (falsa

leitura, falsa audição, incapacidade de encontrar um objeto, perdas num dado instante ou de um ato de fala ou de escrita substituído por outro; assim, substituídos, desviados ou invertidos, omitidos, esses atos têm duplamente uma função de **linguagem**: assinalam em primeiro lugar a revelação de um desejo inconsciente; ao mesmo tempo, atestam um inconsciente estruturado como uma **linguagem** (condensação, deslocamento, metáfora, metonímia) e podem portanto ser decifrados como uma mensagem. (p. 55).

Busca-se, através dos recursos disponibilizados pela linguagem, decifrar as mensagens repletas de significantes do real, do imaginário e do simbólico. KAUFMANN salienta que o inconsciente se mostra freqüentemente numa fratura, numa falha temporal, que marca o famoso “isso fala” lacaniano. Para o psicopedagogo, instrumentalizado com o conhecimento psicanalítico, cabe observar e saber aproveitar, de maneira sensível, o que se lhe apresenta na busca por um diagnóstico e uma intervenção mais pontual.

Atualmente, salienta PAÍN (2000), depois das contribuições lacanianas, o inconsciente mostra-se como um lugar onde se organiza as emoções, através de uma série de mecanismos. Considerando o apontamento da autora, pode-se dizer que não é mais o ego que se organiza, mas, sim, o inconsciente que tem este papel, entre outras coisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Neste sentido, a Psicopedagogia tem muito a contribuir, pois sabe-se que todo sujeito tem seu inconsciente estruturado como linguagem. Sendo assim, a construção de conhecimento denunciará ao psicopedagogo como o desejo e a aprendizagem estão imbricados.

É importante salientar que, para a psicanálise, o sujeito é, fundamentalmente, o sujeito do desejo e que a psicanálise traz importantes contribuições para a Psicopedagogia, pois não se pode pensar o aprender fora da constituição subjetiva do sujeito. O ato de aprender requer algumas premissas básicas que, se faltantes, colocam em risco toda a experiência do descobrimento.

Em termos lacanianos, no ato, seja ele qual for, o importante é o que lhe escapa. É esse também o passo dado pela psicanálise na introdução do ato falho, o único que se sabe, com segurança, que é sempre bem sucedido. É sempre bem sucedido na medida em que, pelo atravessamento do *eu*, ocorre uma expressão e uma satisfação metafórica, do desejo posto, em causa, naquele momento.

Importa ressaltar que o sujeito do desejo não equivale ao indivíduo biológico, embora se apoiando numa corporeidade, não se restringe a ela. Onde se poderia pensar num sujeito que se constrói para e pela lógica, identificando o conceito de aprendizagem a essa instância objetiva e construtiva do ser humano, encontra-se um sujeito desejante e que escapa a qualquer tentativa homogeneizante estática da razão.

Portanto, a constituição do sujeito do conhecimento e as vicissitudes do aprender nas quais a **Psicopedagogia** se ocupa, estarão entrelaçadas, desde o início, às marcas inconscientes inscritas no sujeito.

Neste artigo se pretendeu desvelar como a **Psicopedagogia**, área de conhecimento que trabalha com questões que envolvem a aprendizagem, interessa-se em conhecer a construção e as formas constitutivas do **imaginário**, uma vez que, assim como já foi posto, não há prática psicopedagógica sem manipulação significativa de linguagens sensíveis. A dívida simbólica se refere justamente a esta lei que rege a **linguagem**, na qual circulam uma série de significantes que são os veiculadores dos conhecimentos que a humanidade produz e que ultrapassa as gerações.

Conclui-se, então, que o tratamento psicopedagógico irá indagar, pelo saber, no sentido da construção do conhecimento. O atendimento realizado pelo psicopedagogo responde do lado da aprendizagem, responde em ato, opera em ato, o que provocará certamente efeitos na subjetividade do sujeito. Portanto, para que o psicopedagogo sintam-se instrumentalizado ao trabalho das questões referentes à aprendizagem, entendida como construção subjetiva e singular, fica evidenciada a importância deste profissional aproximar-se de conceitos psicanalíticos. Nenhum corpo teórico pode explicar tudo, pois todos, e cada um deles, obedece a uma arbitrariedade de fragmentação que se introduz na vida humana.

Para finalizar, salienta-se que a conduta do psicopedagogo deve estar referenciada pela ética, definida na conformação do desejo do sujeito, e não do seu. Então, o lugar de onde fará sua intervenção será inconfundível. Neste caso, só lhe caberá ocupá-lo e, aí sim, sustentá-lo com seu próprio desejo.

REFERÊNCIAS

BAUMANN, Zigmund. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

DÖR, Joel. **Introdução à Leitura de Lacan - O Inconsciente Estruturado como Linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método – Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. **Verdade e Método II – Complementos e Índice**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

_____. **Estética y Hermenêutica**. Madrid: Editorial Tecnos, 1996.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise – O Legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Os Escritos Técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **O Seminário – As Formações do Inconsciente – Livro 5**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **O Seminário - O Sinthoma – Livro 23**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. **O Seminário – Os Escritos Técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar**, sem data.

_____. **O Seminário – Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Meu Ensino**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

NASIO, Juan David. **Lições Sobre os 7 Conceitos Cruciais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, sem data.

PARENTE, Sonia Maria B. A. **Encontros com Sara Paín**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.